



## AS MULHERES E SUA LUTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

**BARUM, Amílcar Oliveira<sup>1</sup>; MOTA, Fabrício da Silva <sup>1</sup>; KREUZ, Débora Itrieder<sup>1</sup>;  
QUADRADO, Beatriz Floôr<sup>1</sup>.**

*<sup>1</sup>Núcleo de Documentação Histórica – ICH/UFPel.*

*amilcarbarum@brturbo.com.br*

### 1 - Introdução

A grande maioria dos estudos sobre o tema da participação da mulher na guerra situa essa vinculação a atividades como enfermagem, análise de fotografias aéreas, tráfego e vigilância aérea. A nossa abordagem busca outro tipo de prática desenvolvida por um número incalculável de mulheres, o combate de enfrentamento direto com o inimigo, tanto através da espionagem atrás das linhas inimigas, quanto nas atividades de resistência.

Desde 1939, quando Hitler levou a Alemanha à guerra e começou a ocupação dos países do continente europeu, grupos começaram a se organizar para combater a invasão nazista. Entre 1939 e 1941, esses pouco ou quase nada puderam fazer que causasse algo mais que um pequeno desconforto às tropas ocupantes<sup>1</sup>.

As duas principais razões dessa pouca eficiência são: a precária capacidade organizacional desses grupos, normalmente formados por pessoas que não possuíam treinamento militar específico e, por esse motivo, tinha uma baixa capacidade de organizar ações de real importância e a segunda razão está no fato de que, somente em 1941, com a operação Barbarossa, os grupos comunistas dos diversos países ocupados passaram a ter uma ação mais efetiva de resistência. Até essa data a Rússia mantinha um pacto de não agressão com a Alemanha e, conseqüentemente, as células do movimento comunista internacional mantinham-se “neutras” em relação ao processo de “alargamento das fronteiras” do Reich alemão. Com a invasão da Rússia esses grupos, que possuíam uma organização mais bem estruturada e eram capazes de agir na clandestinidade, passaram a executar missões com mais eficiência e mais letais contra os alemães.

Em países como a Albânia e a Iugoslávia, os grupos comunistas eram tão fortes e organizados que foram capazes de manter sozinhos toda a atividade de guerrilha contra os nazistas durante todo o transcurso da guerra. Essa guerra de guerrilha não era executada somente contra os nazistas, mas também contra grupos de direita que preferiam aliar-se às forças invasoras do que ceder espaço ao

---

<sup>1</sup> [http://www.historylearning-site.co.uk/resistance\\_movements.htm](http://www.historylearning-site.co.uk/resistance_movements.htm) Acesso em 10 de junho 2009

comunismo. Esse foi, por exemplo, o caso da Iugoslávia, onde as forças de resistência comandadas por Josip Broz Tito<sup>2</sup> combatiam os nazistas e as forças da Ustaše, que eram compostas por croatas de extrema direita, que auxiliaram os alemães durante a guerra.<sup>3</sup>

Em outros países, como Holanda, Bélgica e França, a dificuldade de entendimento e colaboração entre as diversas facções antinazistas por vezes comprometeu o bom desempenho nas missões.<sup>4</sup> Mesmo com essas desavenças, os serviços de resistência prestaram grandes serviços para os aliados, levantando dados de inteligência, executando atos de sabotagem ou auxiliando na fuga de pilotos aliados abatidos.

Todos os grupos que mantiveram contato com os aliados ocidentais foram coordenados pela SOE (Executiva de Operações Especiais). Essa facção de elite foi criada pelo primeiro ministro Winston Churchill, com a finalidade de “por fogo na Europa ocupada”<sup>5</sup>. Eles coordenavam atos de sabotagem, espionagem, guerrilha, além de fornecerem equipamentos, armas e explosivos para os grupos de resistência atuantes em vários países.

Após a entrada dos Estados Unidos na guerra, essas facções também passaram a receber apoio da OSS (Escritório de Serviços Estratégicos)<sup>6</sup>.

Já os comunistas da resistência recebiam, principalmente na região oriental da Europa, suporte da União Soviética.<sup>7</sup>

Desde o início do conflito os grupos de resistência passaram a utilizar os serviços das mulheres como membros ativos em todas as atividades de guerrilha, sabotagem e coleta de informações.

Todas essas atividades eram cercadas dos mesmos riscos que corriam os combatentes do sexo masculino. No caso das mulheres, membros dos grupos de resistência, estima-se que cerca de 4000 mulheres tenham perdido a vida<sup>8</sup>, executadas pelos nazistas, nos territórios ocupados.

Um exemplo dessas mulheres é Maria Kislyak. Ela nasceu em 1925, em Krakov, na região da Ucrânia. Os alemães ocuparam a sua aldeia em 1943. Ela logo assumiu atividades antinazistas. Juntamente com dois colegas que eram membros de um grupo de resistência, resolveu assassinar um oficial alemão. Para isso organizaram um plano em que Maria, então com 18 anos, atuaria como “andorinha”<sup>9</sup>, seduzindo o oficial e atraindo o mesmo para um local onde seus colegas iriam executar o plano. Depois do assassinato desse oficial, ela foi presa pela Gestapo como suspeita do “crime”. A menina foi torturada e violentamente espancada para confessar o crime e fornecer os nomes dos parceiros. No entanto, ela resistiu à tortura sem revelar nada, e foi então liberada. Alguns meses mais tarde ela e seus companheiros repetiram o ato. Dessa vez a Gestapo agiu de outra forma, prendeu 100 moradores da localidade e ameaçou executá-los se os culpados não se entregassem. No dia seguinte, Maria e seus dois colegas se entregaram a Gestapo, confessando os assassinatos. Nesse momento Maria se apresentou como líder do

---

<sup>2</sup> <http://www.country-data.com/cgi-bin/query/r-14923.html> Acesso em 20 de maio de 2009

<sup>3</sup> <http://www.thenagain.info/webchron/easteurope/Ustashe.CP.html> Acesso em 10 de junho 2009

<sup>4</sup> [http://www.historylearningsite.co.uk/french\\_resistance.htm](http://www.historylearningsite.co.uk/french_resistance.htm) Acesso em 10 de junho 2009

<sup>5</sup> [http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soe\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soe_01.shtml) Acesso em 10 de junho 2009

<sup>6</sup> <http://history.sandiego.edu/GEN/WW2Timeline/oss3.html> Acesso em 10 de junho 2009

<sup>7</sup> [http://www.historylearningsite.co.uk/albania\\_resistance.htm](http://www.historylearningsite.co.uk/albania_resistance.htm) Acesso em 10 de junho 2009

<sup>8</sup> <http://www.capitalpunishmentuk.org/nazi.html> Acesso em 10 de junho 2009

<sup>9</sup> Andorinha – termo utilizado em inteligência para designar agentes que usam a sedução como forma de extrair informações, executar atos de sabotagem ou atos de assassinato.

grupo. Em 18 de junho de 1943, Maria, então com 18 anos, e seus dois colegas, ambos com 19 anos, foram enforcados em um galho de uma árvore situada na localidade.<sup>10</sup>

Nem sempre as atividades de resistência ocorriam nas zonas de ocupação. Elas ocorriam também dentro dos campos de concentração. Um bom exemplo desse tipo de resistência pode ser observado com o caso de Roza Robotka e Ala Gertner. Roza era uma judia polonesa e estava presa no campo de Auschwitz-Birkenau. Ala era casada, tinha 32 anos e também estava confinada no mesmo campo. As duas amigas faziam parte de um grupo de resistência interna ao campo e arquitetaram um plano para promover um levante em Auschwitz-Birkenau. Esse levante teria início com a explosão de um dos crematórios do campo. Para isso, Ala recrutou Estera Wajcblum e Regina Safirsztajn. Essas duas mulheres trabalhavam como escravas em uma fábrica de munição próxima ao campo e, por esse motivo, tinham acesso aos explosivos.

Em 7 de outubro de 1944, as amigas executaram o plano, explodindo o crematório 4. Após a explosão, as quatro foram detidas, interrogadas e condenadas por roubo de explosivos, sendo executadas em 6 de janeiro de 1945.

Dentre as mulheres que lutaram na guerra, havia também aquelas que atuavam como agentes da SOE<sup>11</sup> ou da OSS<sup>12</sup> buscando informações ou praticando atos de sabotagem atrás das linhas inimigas.

Uma das principais personagens desse tipo de atividade, e foco dos nossos estudos, é Virginia Hall. Norte-americana, nascida em família de classe média alta, estudou nas melhores escolas e universidades, pois sonhava ser embaixadora. Um acidente de caça, enquanto trabalhava como secretária do Departamento do Exterior americano, custou-lhe a perna, que foi amputada do joelho para baixo. Usando uma prótese de madeira, ela trabalhava como voluntária em uma ambulância na região central da França, quando esta assinou o armistício com a Alemanha nazista. Como cidadã americana, pode deixar o país e imediatamente dirigiu-se para a Inglaterra, onde ingressou na SOE. Devido a sua fluência em francês, foi treinada e enviada para o sul da França com a missão de organizar grupos de resistência naquele país.

Virginia operou durante 15 meses na França Vichy<sup>13</sup>, fugindo quando os alemães apertaram o cerco. Atuou por um tempo na Espanha e voltou a Londres em 1943. Transferiu-se para a OSS em 1944 e solicitou seu retorno à França. Nessa época já era conhecida pela Gestapo como “a mais perigosa agente aliada em ação na França”. Durante o período anterior ao dia D, manteve um disfarce de camponesa, cobrindo sua perna de madeira e transitando com um rebanho de cabras pelas estradas, fazendo levantamento das tropas alemãs acampadas na região. Depois do desembarque, deslocou-se para o sul, onde atuou com um grupo que monitorava o deslocamento de tropas alemãs, durante o seu recuo rumo à Alemanha. Esse grupo tornou-se extremamente eficiente na destruição de linhas de comunicação na retaguarda alemã.

---

<sup>10</sup> <http://www.capitalpunishmentuk.org/nazi.html> Acesso em 10 de junho 2009

<sup>11</sup> “*Special Operation Executive*” - Executiva de Operações Especiais, serviço secreto inglês, criado pelo primeiro ministro Winston Churchill para por fogo na Europa ocupada - <http://www.culture24.org.uk/places+to+go/london/tra14011> Acesso em 10 de junho 2009

<sup>12</sup> [http://modern-us-history.suite101.com/article.cfm/oss\\_spies\\_in\\_world\\_war\\_ii](http://modern-us-history.suite101.com/article.cfm/oss_spies_in_world_war_ii) Acesso em 10 de junho 2009

<sup>13</sup> Região no sul da França governada por um governo fantoche dos nazistas comandado pelo herói francês da Primeira Guerra Mundial, General Pétain. O nome da região foi dada graças a sua capital, a cidade de Vichy.

Ela sobreviveu a Segunda Guerra, sendo condecorada pelos ingleses e pelos norte-americanos. Seguiu trabalhando para a CIA até a sua aposentadoria.

Assim como Virginia, um grande número de mulheres atuou atrás das linhas inimigas levantando informações ou executando atos de sabotagem tanto para a SOE quanto para OSS. Um número significativo delas pagou com a vida, mas todas quebraram os paradigmas sobre a fragilidade e a dependência feminina, vigentes no período anterior ao conflito.

## **2 – Material e Métodos**

A metodologia utilizada para o estudo foi a pesquisa bibliográfica. Essa revisão tem sido feita através de livros publicados sobre o assunto, páginas da internet, documentos obtidos em museus, instituições de pesquisa, fundações e outras instituições interessadas em manter a memória desse período. Também estão sendo tentados contatos com o Museu da CIA e com o Serviço de Inteligência da Inglaterra, que possuem documentação sobre os agentes e suas atividades no período da guerra.

## **3 - Conclusões**

Apesar dos estudos estarem em uma fase inicial, já chegamos a algumas conclusões sobre o tema. Durante o período estudado, verificamos que um número considerável de mulheres, muitas delas foragidas dos países ocupados, se apresentaram como elementos dispostos a sacrificar a vida no combate contra o nazismo em seus países. Algumas lutaram na guerrilha, outras serviram como agentes secretas, mas todas correram riscos e, um grande número, pagou com a vida.

## **4 - Referências Bibliográficas**

- BBC. BBC History. 01 de Setembro de 2001. [http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soe\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soe_01.shtml) (acesso em 10 de junho de 2009).
- Biblioteca, do Congresso. Série Estudo de Países. Dezembro de 1990. <http://www.country-data.com/cgi-bin/query/r-14923.html> (acesso em 20 de maio de 2009).
- Casey, Dr. Dennis. The Other Agents — Virginia Hall. 2008. [http://www.64-baker-street.org/agents/agent\\_others\\_virginia\\_hall.html](http://www.64-baker-street.org/agents/agent_others_virginia_hall.html) (acesso em 10 de junho de 2009).
- Diego, History Department at the University of San. The OSS in Europe. <http://history.sandiego.edu/GEN/WW2Timeline/oss3.html> (acesso em 10 de junho de 2009).
- Fox, Pat. About.com:Woman's History - Female Spies in World War I and World War II. [http://womenshistory.about.com/od/spies/a/women\\_spies\\_ww\\_2.htm](http://womenshistory.about.com/od/spies/a/women_spies_ww_2.htm) (acesso em 10 de junho de 2009).
- Koeller, David. Web Chron - The Web Chronology Project. 25 de Abril de 1997. <http://www.thenagain.info/webchron/easteurope/Ustashe.CP.html> (acesso em 10 de junho de 2009).
- Preobrazhensky, Nikolai Bukharine e E. ABC do Comunismo. <http://www.trotsky.org/portugues/bukharin/1920/abc/cap5.htm> (acesso em 10 de junho de 2009).
- Trueman, Chris. history learning site. 2009. <http://www.historylearningsite.co.uk/about-the-author.htm> (acesso em 10 de junho de 2009).

- U.K., Capital Punishment. The execution of women by the Nazis during World War II. <http://www.capitalpunishmentuk.org/nazi.html> (acesso em 10 de junho de 2009).
- Greenwood, Gavin. *The Secret War - SOE Against The Third Reich*. <http://www.culture24.org.uk/places+to+go/london/tra14011> (acesso em 10 de Junho de 2009).
- Trosclair, Carroll. *OSS Spies in World War II- Office of Strategic Services Played Major Role in Defeating Axis*. 14 de agosto de 2008. [http://modern-us-history.suite101.com/article.cfm/oss\\_spies\\_in\\_world\\_war\\_ii](http://modern-us-history.suite101.com/article.cfm/oss_spies_in_world_war_ii) (acesso em 10 de junho de 2009).